

No. 25554⁵
DIALOGO

CURIOSO E INSTRUCTIVO

ENTRE VARIOS OPERARIOS

Todo o effeito tem uma causa.
—Todo o effeito intelligente tem
uma causa intelligente. A força
da causa intelligente está na
razão da grandeza do effeito.
Allan Kardec.

PUBLICAÇÃO GRATUITA



LISBOA
TYPOGRAPHIA POPULAR

Rua dos Mouros, 41

1888



OPERT
11310
DIALOGO

CURIOSO E INSTRUCTIVO

ENTRE VARIOS OPERARIOS

Todo o effeito tem uma causa.
—Todo o effeito intelligente tem
uma causa intelligente. A força
da causa intelligente está na
rasão da grandeza do effeito.
Allan Kardec.

~~~~~  
PUBLICAÇÃO GRATUITA  
~~~~~

LISBOA
TYPOGRAPHIA POPULAR
Rua dos Mouros, 41
—
1888



DIALOGO

ENTRE VARIOS OPERARIOS

vindo de acompanhar um collega
á sua ultima morada

1.º operario. — Ora lá ficou o nosso bom amigo João, que, se eu acreditasse que havia alma, diria que elle tinha uma bem formada; mas historias, quando se morre, acaba tudo, e os que são muito exactos nas suas contas, são os que gozam menos.

2.º operario. — Tem razão compadre, bebem menos do rôxo e nem por isso ficam mais ricos.

3.º operario. — Não é tanto assim amigos; tem-se feito varias experiencias no estrangeiro e mesmo cá que tem dado bastantes provas da existencia da alma.

4.º operario. — Ora ahi vem este amigo cantar-nos duas cantigas, a ver se engulimos pantominices. Mas não admira, anda lá metido com gente graúda, que são todos uns jesuitas, que lhe tem enchido os ouvidos d'essas cousas velhas, que as nossas avós nos contavam a respeito de almas do outro mundo, e outras tolices assim. O' rapazes vamos aqui a este Retiro que tem agora do novo e toca a afogar paixões.

3.º operario. — Está dito. Estou prompto a fazer toda a despeza mas ha de ser depois de ouvirem as minhas razões.

1.º operario. — Ora vá lá, mas estou bem certo que perde o seu tempo e depois fará do-

brada despeza porque mais sequiosos ficaremos com as taes historietas.

3.^o operario. — Bem, digam-me cá, nunca ouviram fallar de mezas que se mechem e respondem ás perguntas que se lhes faz?

Todos os operarios. — Nos theatros de feira temos visto fazer muita cousa melhor, e nem por isso ficamos admirados, porque temos mesmo ajudado á pantominice.

3.^o operario. — Como se enganam; é esta uma experiencia que qualquer pode fazer em sua casa, ajudado por outras pessoas que estejam de boa fé.

1.^o operario. — O' camarada, falla sério, ou é brincadeira.

3.^o operario. — Fallo serio e muito serio; nem isto é cousa com que se brinque.

2.^o operario. — Tenho conhecido varias mulheres que diziam fallarem com o diabo, e ás vezes acertavam no que contavam.

3.^o operario. — Homem, isso é que são patranhas: nem ha diabo nem pantominice no que cada um pode experimentar. Assentem-se tres ou quatro pessoas em volta de uma meza de pé de gallo, e ponham as mãos sobre ella, sem carregar, e esperem uns cinco ou dez minutos no maior silencio, e verão que ella se meche para um lado ou para outro. — Dado este caso, uma das pessoas pergunta em nome de Deos, se alli está algum espirito; se está, um dos pés da mesa levanta-se e cahe para affirmar que está.

Cada pessoa então póde fazer as perguntas

serias que quizer, que só admittam as respostas de *sim* ou *não*; para *sim* uma pancada, para *não* duas.

Querendo estabelecer uma conversação com o espirito, então recorre-se ao alphabeto e para cada letra uma pancada dará a mesa, e uma outra pessoa irá escrevendo as letras que a meza indicar e assim se formarão as palavras. Ora tudo isto é preciso que se faça com muito respeito e attenção, e só poderá ser executado por pessoas bem intencionadas e desejosas de se convencer.

1.º operario. — Isso é obra do diabo e não pode ser cousa boa.

3.º operario. — Ora diga-me, e se a mesa lhe dissesse que quem a movia era a alma do João e lhe dêsse certos signaes, duvidava ainda? O que chamam *diabo* é o mesmo que o papão para as crianças, serve para meter medo aos patetas e mais nada.

Podem-se fazer ainda outras experincias com penna e papel, e assim obtermos os nomes, e certas expressões de pessoas que nos foram queridas aqui na terra, e conhecer-se a fórmula de letra de cada uma d'ellas.

1.º operario. — Se eu visse similhante cousa, então é que eu acreditava na existencia da alma.

3.º operario. — Diga-me, tambem não acredita na existencia de Deos?

1.º operario. — Se houvesse Deos e elle fosse bom como dizem, não haveria tanta desgraça.

3.º operario. — Quando v. se convencer da

existencia da alma, então lhe explicarei mais alguma cousa que lhe ha de parecer impossivel. Ora não morrendo a alma para onde irá ella!

1.º operario. — Se acreditarmos o que dizem os padres, pode ir para o ceo, para o inferno ou purgatorio.

3.º operario. — Tudo carapetões meu amigo: A alma quando deixa o corpo sobe ao ar, e anda errante algum tempo, até se certificar aonde está. Assim como os vapores finos ou grosseiros sobem mais ou menos conforme o seu peso, assim a alma conforme o estado da sua perfeição, sobe mais ou menos alto.

1.º operario. — Mas quem lhe contou essa historia?

3.º operario. — Foram as proprias almas que o disseram, e o repetem a quem lhes perguntar; porque a sua missão é instruir-nos no que devemos saber, afim de que pratiquemos o bem e fuçamos do mal.

1.º operario. — Então não gozam nada lá por cima?

3.º operario. — Isso depende do seu comportamento cá na terra; podem gozar ou penar mais ou menos fortemente, conforme as boas ou más acções que fizeram.

1.º operario. — Isso naturalmente entende-se cá com os pequenos, porque os senhores reis e fidalgotes hão de estar sempre pisando cá o pobre.

3.º operario. — Se assim fosse era escusado estarmos a perder o nosso tempo n'um estudo

tão importante como é o Espiritismo. Perante Deos não ha reis nem fidalgos, todos são irmãos sujeitos aos mesmos erros, castigos e premios. Quando deixam o corpo que animaram, ou estacionam ou sobem como já disse acima.

1.^o operario.—O' José, olha que ferro que o ricasso que nós todos conhecemos, ha de ter, quando observar aquelle pobre homem, que elle perseguio tanto e tão injustamente, estar superior a elle lá no outro mundo!

3.^o operario.—Se fosse só isso, ainda não era mau.

1.^o operario.—O que, ainda mais?

3.^o operario.—Certamente. Quando esse ricasso tornar a incarnar, então saberá o que é ser desgraçado e ter necessidade.

1.^o operario.—O que é isso de tornar a incarnar?

3.^o operario.—Os espiritos inferiores ou atrasados como esse ricasso, teem de voltar á terra para tomarem a fórma humana, tantas vezes quantas forem necessarias, para se aperfeiçoarem no caminho da virtude; ora quer isto dizer que teem muito que padecer.

1.^o operario.—Ora essa!... Então talvez eu já fosse algum machucho e que agora esteja pagando algumas patifarias, que fizesse n'outros tempos; porque o que ganho hoje, mal me chega para mim e para a minha familia.

3.^o operario.—Tudo pode ser; mas felizmente ignoramos o que fomos antes, para o tormento ser menos cruel.

1.º operario.—Se eu tivesse a certeza de tudo o que v. tem dito para ahi, declaro que não vivia mais uma hora.

3.º operario.—Pois fique sabendo que quem se mata tem de começar a sua carreira de novo, no ponto que a interrompeu e passar pelos mesmos tormentos de que quiz fugir.

1.º operario.—Então ainda que a agente queira, não póde escapar á estopada?

3.º operario.—Qual historia. E' preciso que v. se convença que tudo quanto Deos ordenou e ordena é para nosso bem. O que nos parece uma desgraça, é sempre um caminho para o nosso aperfeiçoamento. V. quando foi aprendiz não andou aos pontapés d'um e d'outro bruto, antes de chegar a ser official? Pois então é o que nos acontece agora, com respeito á nossa vida futura; está na nossa mão, prolongar ou abreviar a nossa aprendizagem; se nos portarmos bem, chegaremos mais depressa ao fim da nossa carreira, e se o não fizermos a culpa é nossa.

2.º operario.—Ora diga-me cá, como é que nós fomos criados, qual foi o nosso principio?

3.º operario.—A nossa origem remonta a muitos seculos; temos atravessado toda a natureza, desde o simples mineral até ao mais desenvolvido animal...

2.º operario.—O que! eu já fui alguma pedra, ferro, planta ou verme?!

3.º operario.—Não se admire, porque tudo que existe recebeu do Creador uma vida mais

ou menos desenvolvida. A pedra não cresce na pedreira, o ferro não augmenta nas minas, as plantas não começam por um estado microscópico, até chegarem ao seu maximo crescimento? — E saiba mais que o que foi e é criado, é eterno. Nada tem fim. O que nos parece que acaba, como por exemplo, quando a agua ao lume vae desaparecendo em vapor, esse vapor junta-se aos outros vapores, e torna a cahir sobre a terra em orvalho ou chuva para de novo exercer as suas funcções, alimentando e animando todos os corpos. Toda a materia muda de fórma, mas é sempre a mesma.

1.º operario. — Então para que é que nós mudamos tantas vezes de fórma?

3.º operario. — Para chegarmos á perfeição.

Por quantas fundições e operações não passa o ferro que sahe das minas em terra, para chegar a ser aço fino?

1.º operario. — Se nós percorremos os reinos mineral, vegetal e animal, como v. diz, segue-se que eu já fui aranha, rato ou macaco; e n'este caso não me admira que alguns chamados sabios digam que nós descendemos do macaco.

3.º operario. — Para assumir-mos a fórma humana temos que correr toda a escala da criação, assim como um homem para chegar a velho, quantas mudanças não faz desde que nasce até que morre! . . . Os que dizem que o homem só descende do macaco, erram, porque o ho-

mem descende de toda a natureza e não de uma raça exclusiva.

Portanto devemos tratar todos os animaes com caridade, porque os devemos considerar como espiritos que mais tarde hão de transformar-se em entes humanos.

Ha animaes que pelos maus tratos que recebem dos homens, se tornam manhosos e perigosos.

Entre os animaes bem como entre os homens, ha uns mais intelligentes que outros, devido ás diversas incarnações pelas quaes teem passado.

Que me dizem v. v. á esperteza de certos animaes que só lhes falta fallar? Não teem visto as cousas assombrosas que elles fazem nos circos e nas praças publicas, quando são ensinados por pessoas pacificas e perseverantes?

Ha bastantes annos esteve um homem em Lisboa, que trazia umas pulgas que puchavam carrinhos apropriados ao seu tamanho, e faziam outras cousas, com tanta presteza e sangue frio como se fossem animaes de grandes fórmias.

Quando as pulgas tinham precisão de alimento o homem arregaçava uma manga e as pulgas iam para o braço e chupavam o sangue que lhes era preciso, e retiravam-se para uma caixinha que era a sua morada.

Não apresenta tudo isto uma intelligencia superior á materia?

Todos nós nos resentimos das incarnações porque temos passado. Não teem v. v. reparado quantos homens se assemelham a certos animaes, nós costumes e habitos? O comilão pa-

rece-se com o porco que só pensa em comer; o assassino parece-se com o tigre que só tem prazer no morticínio; o bondoso parece-se com a ovelha que não offende animal algum; o hypocrita parece-se com a raposa na manha e astucia, para enganar e não ser apanhado; o corajoso parece-se com o leão em arrostar os perigos e vingar uma affronta; o bobo parece-se com o macaco que nos faz rir; o sombrio parece-se com o mocho ou coruja, que escondendo-se nos buracos, evita a sociedade ainda mesmo a mais morigerada; o fallador parece-se com o papagaio que só diz o que ouve, sem lhe ligar sentido; o folgasão parece-se com as aves cantoras, que tudo acham alegre e divertido; etc., etc.

1.º operario. — Admittindo tudo que v. diz como verdade, segue-se que qualquer de nós já foi pato ou gallinha, e portanto comido para alimentar qualquer bruto mais forte que nós.

3.º operario. — E porque não? Nos mundos inferiores, como este que nós habitamos, em que o espirito das massas está ainda muito rude, a força bruta é a que predomina, e o fraco é sempre a victima do mais forte. Nos tempos primitivos da criação do nosso globo que monta a muitos milhares de seculos, a producção e destruição eram espantosas; havia monstros de um tamanho descommunal e florestas na devida proporção, como se tem observado pela descoberta de ossadas de animaes hoje desconhecidos, medindo trinta e tantos metros só na espinha dorsal.

Ainda ha bem poucos annos se descobriu na Siberia, n'umas escavações feitas na neve, o corpo inteiro de um mammoth, (animal colossal, parecido com o elephante dos nossos tempos, que media seis metros de altura e as presas recurvas quatro metros). A' medida que os mundos vão progredindo estes animaes enormes vão desapparecendo, a destruição vai diminuindo com o apuramento das raças, e o espirito livre do peso da materia caminha desasombradamente.

1.º operario. — Então os espiritos andam sempre pelos ares, não teem descanso?

3.º operario. — Dépois de se terem purificado por incarnações successivas, vão habitar outros globos, a que chamamos estrellas, ou soes, e aonde gozam uma felicidade de que não podemos formar idéa, pois nada ha n'este mundo que se lhe asseme-lhe.

1.º operario. — E ficam lá eternamente sem trabalharem?

3.º operario. — Não; vão sempre caminhando de perfeição em perfeição, pelas boas obras que praticam, e são muitas vezes empregados por Deos em missões aos mundos inferiores, para regeneração dos espiritos atzados.

1.º operario. — V. disse-nos ainda agora que se podiam obter communicações dos espiritos com penna e papel, como se faz isso?

3.º operario. — Quando uma pessoa é dotada de organização especial para isso, pega n'uma penna ou um lapis, e espera um pouco de tempo,

uns cinco ou dez minutos, e sente então mover-se-lhe a mão e escrever uma palavra ou outra, ou simplesmente rabiscas. Se a pessoa tem abundancia de fluido magnetico, começa logo a escrever phrases completas. Quando essas phrases são racionaes e sérias, é certo que o espirito em communição é bom; se são phrases ou palavras inconvenientes, procedem de espirito leviano ou mau, e deve-se immediatamente largar a penna, para não se cahir debaixo da sua influencia, que é sempre má.

Quando um espirito em communição se intitula nosso amigo ou parente, é preciso attender ás palavras e forma das letras, que devem ser iguaes ás que esse espirito usava quando vivia na terra. Emfim é necessario ter todo o cuidado para se não ser enganado; pois é preciso advertir que a maior parte dos espiritos que nos rodeiam são atrazados, e por consequencia, levianos, indifferentes ou malignos.

5.º operario. — Ora amigos, toca-me agora a minha vez para dizer alguma cousa do que tenho observado em minha casa. Ha uns tempos para cá, eu e a minha gente temos ouvido certos rumores nos trastes, nas paredes, e acordamos muitas vezes sobresaltados, parecendo que alguém anda pelas casas.

3.º operario. — Sim, não me admira; quando essas cousas se dão, é porque algum espirito se quer communicar, ou é algum outro inferior que se quer divertir ou exercer a sua maligna influencia sobre alguém da familia; porém es-

ses casos só acontecem quando na familia ha pessoa dotada de certa organisação apropriada ao fluido do espirito de que elle se serve para produzir esses phenomenos. Quando um espirito inferior attaca uma d'estas pessoas assim organisada, esta pratica acções tão extraordinarias, que o vulgo ignorante diz que tem o diabo no corpo, e a gente meia sabia diz que são ataques nervosos. Só se dão estes casos quando o espirito se quer vingar da pessoa que attaca, por alguma offensa que essa pessoa lhe fez em alguma incarnação anterior ou na actual.

A maneira de affastar esse espirito, é uma pessoa bem intencionada e de bons costumes, perguntar ao espirito o que deseja, mostrando-lhe que não é assim que elle pode caminhar na via do progresso, porém perdoando á sua victima; e ao mesmo tempo pedindo a Deus e aos bons espiritos que esclareçam aquelle espirito atrozado, para não continuar a atormentar a padecente.

E' mui raro que no fim de meia duzia de sessões d'esta natureza, o espirito não deixe a sua victima em paz. Quando seja possivel haver uma reunião de bastantes pessoas bem intencionadas e rezarem todas juntas a favor da padecente e do espirito, o effeito é quasi que magico. Para este processo não se deve chamar padres nem usar agua benta nem cousa alguma que cheire a superstição, porque produz o effeito contrario.

A seguinte oração rezada com toda a fé e boa vontade, bastará para alcançar o que se deseja.

ORAÇÃO

Espíritos superiores, vinde, com a permissão do Altíssimo, convencer este pobre espirito, a que abandone a sua victima, porque não é esse o bom caminho que elle deve seguir para se regenerar; se a sua victima lhe causou algum prejuizo, faça a diligencia possivel para lhe perdoar, para que Deus na sua extrema bondade lhe perdoe tambem os seus crimes, pois não é com a vingança que se alcança a serenidade da consciencia que tão doce é, quando se é generoso. Vai, espirito, vai; deixa a creatura que já te não pode offender, e compadece-te do estado desgraçado em que se acha.

1.º operario. — E o espirito larga logo a sua victima depois d'essa oração?

3.º operario. — Nem sempre; mas á força de insistir com elle, e levando-o por boas maneiras, consegue-se o que se deseja.

5.º operario. — Se eu fosse a acreditar no que teem dito para ahi, com certeza que eu endoidecia.

3.º operario. — Não sei porque. Se v. soubesse que lhe sahia a sorte grande na sua cauetella, endoidecia?

5.^o operario. — Ora essa! Quem me dera apanhal-a, eram uns poucos de dias de pan-dega.

3.^o operario. — Sim, e depois vinham os amargos de bocca, com mais força. Homem, a extravagancia nunca fez ninguem feliz. Mas vamos á nossa questão. Não será uma sorte bem grande e de immenso valor, termos a certeza, que depois de passarmos os nossos trabalhos, havemos de receber o premio das nossas boas acções?

5.^o operario. — Sim, mas isso tem seus bicos, e eu não estou para massadas.

3.^o operario. — Ou esteja ou não esteja, para diante é que se caminha, e quem vai por vontade, chega mais depressa e mais satisfeito ao fim da sua jornada.

1.^o operario. — Quando eu era pequeno e andava na escola, ensinava-me o mestre, que deviamos amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos. Ora eu nunca vi a Deus para o poder amar, e o proximo, a maior parte das vezes, trata de me tirar a camisa se pode, sem se importar mais comigo. Digam-me agora se posso amar o que nunca vi, e estimar o que me quer roubar!

2.^o operario. — Asneiras, asneiras: trate cada qual de se arranjar o melhor que poder, por que quem mais apanha mais tem.

3.^o operario. — Ora amigos, v. v. estão brincando. Digam-me cá, qual é a machina que não teve fabricante? appareceu por acaso al-

gum relógio que não tivesse tido quem o fizesse? não foi um homem de grande habilitade que o fez? Ora se nós admiramos um machinismo qualquer, feito por mãos humanas, o que diremos do auctor que fez esta immensa machina em que nos achamos mettidos?

O que é qualquer de nós? Não somos nós outras tantas machinas, em que se passam tantos movimentos, muitos dos quaes ignoramos? Por conseguinte existe um Auctor Sublime e Omnipotente, que tudo creou para o bem, mas que nós outros transformamos quasi sempre no mal, pela nossa ignorancia, que mais tarde ha de desaparecer para tudo marchar na senda do bem.

Os ignorantes enfatuados inventaram a palavra *acaso* para explicarem o que não entendem. Que ridiculo não seria um homem que vendo uma machina qualquer dissesse que era obra do acaso! . . .

Isto faz-me lembrar uma anedocta que presenci: Um ratão nas suas sabias conversas, disse que tudo era obra do acaso. Um outro que pensava differentemente, pegou n'uma pedra e disse: esta pedra é composta de particulas bem pequeninas; ora cada particula é um acasosinho que pegando-se uns aos outros, formaram um acasosão, e eu por acaso fallando e pensando tambem por acaso, conto este grande acaso.

Quando os homens se convencerem um dia, que auxiliando-se mutuamente, deixa de ha-

ver miseria, então viverão todos satisfeitos, e o mal sumir-se-ha de cima da terra.

1.^o operario. — Isso é que me parece impossivel, porque já todos nascemos, com o instincto de roubarmos uns aos outros, e o que o berço dá, a cova o tira.

3.^o operario. — É verdade, mas v. desconhece a lei do progresso, e o genero humano faz tanta differença do que foi ha cem annos, como sabemos pela historia, que d'aqui a outros cem annos a differença ha de ser ainda mais sensivel. Olhe que n'aquelles tempos chamados religiosos, não havia asylos, nem escolas, nem creches, nem almas bemfazejas que deixassem meios para conforto dos pobres como hoje ha. Tudo era para missas, igrejas e conventos, que só sustentavam mandriões e alimentavam o vicio envolto na capa da religião.

Que me dizem v. v. dos rapazes pobres, a que os impertigados chamam garotada, irem á noite ás escolas municipaes, por sua livre vontade, aprenderem a ler, escrever, contar, desenhar, etc.?

Tenham pois a certeza que a geração actual vai caminhando assombrosamente para o seu aperfeiçoamento.

6.^o operario. — Ora amigo, visto v. saber tanto, diga-me o que é que por ahi chamam magnetismo animal.

3.^o operario. — Direi o que sei a esse respeito: Todos os animaes lançam de si um fluido invisivel, semelhante ao vapor, que pode ser

util ou prejudicial aos outros que estejam em seu contacto.

O homem que é o unico animal que se pode servir d'esse fluido, o põe em acção, e com elle faz cousas espantosas.

Ha tres especies de fluidos: o sympathico, o antipathico, e o indifferente.

Quando por exemplo vemos uma pessoa pela primeira vez, e sentimos uma certa attracção para ella, é porque os fluidos são de natureza identica, ou o fluido de uma convém ao da outra.

Se porém temos uma sensação de repellença, ou os fluidos se repellem, ou o de uma pessoa repelle o da outra.

Se os fluidos são indifferentes não ha nem sympathia nem antipathia.

6.^o operario. — Isso é verdade, porque tenho visto alguns individuos com quem embirro logo que os vejo, e outros que parece que a minha vontade é abraçal-os. Mas como pode um homem fazer bem ou mal a outro sem lhe tocar?

3.^o operario. — V. não tem ouvido fallar em maus olhares ou quebranto, como lhe chamam as pessoas ignorantes?

6.^o operario. — É verdade; e ha pessoas que quando olham para a gente, parece que nos sentimos incommodados.

3.^o operario. — Pois bem, essas pessoas assim organisadas, podem-nos fazer muito mal se nos deixamos dominar por ellas.

6.^o operario. — Mas o que havemos de fazer para fugir á sua influencia?

3.º operario. — Se são pessoas com quem temos de viver, devemos tratá-las bem e evitar provocar os seus maus instinctos.

6.º operario — Agora diga-nos qual o bem que resulta do magnetismo.

3.º operario. — O bem é incalculavel: cura todas as molestias que affligem os enfermos, quando não haja destruição no organismo; estabelece o equilibrio das forças, e causa satisfação entre os que se applicam a fazer o bem ao seu semelhante.

6.º operario. — Mas como se faz isso?

3.º operario. — Imagine v. que lhe doe a cabeça. Senta-se n'uma cadeira, e o magnetizador olhando-o fixamente, pensa em o curar, acompanhando ao mesmo tempo o olhar, com uns passes que se fazem, abrindo as mãos e alargando os dedos sem esforço, proximo á cabeça ou parte dorida, sem lhe tocar, e descendo vagarosamente até ao chão, sacode as mãos, fecha-as, e torna a abril-as no mesmo logar aonde começou. Deve durar este processo cinco minutos pouco mais ou menos.

Se a pessoa magnetisada adormece, suspendem-se os passes, salvo se ella os pedir em continuação, e deixa-se dormir até acordar por si; se a acordarem forçadamente podem sobrevir convulsões, ou exaltação cerebral.

Tambem se pode acalmar uma dôr qualquer bafejando a parte enferma por cima de um objecto branco. Em todo o processo de magnetismo é preciso que o magnetizador tenha a vontade firme de curar o seu doente.

Ha pessoas dotadas de um fluido tão forte e curativo, que basta pôr as mãos em cima da dor para se ficar logo alliviado.

Para que este processo seja mais efficaz, deve-se sempre pedir aos bons espiritos que ajudem os nossos esforços, e o effeito não se deixa esperar muito tempo.

Convém que o magnetizador seja de sexo differente, porque os fluidos se combinam melhor e com mais rapidez.

No fim de cada magnetisação, deve o magnetizador ter o cuidado de lavar as mãos muito bem, principalmente se as molestias forem contagiosas ou immundas.

Nunca nos devemos deixar magnetisar por pessoas doentes ou de probidade duvidosa, porque no caso contrario ficamos sujeitos a perigos muito serios.

1.º operario. — Já que temos fallado tanto em espiritos bons e maus, diga-me qual é a religião que v. considera a verdadeira?

3.º operario. — Todos as religiões são boas quando ellas nos ensinam a fazermos aos nossos semelhantes, aquillo que nós desejamos que se nos faça: A religião que não olha ao vil interesse, é a Espiritista, por isso que ensina a todo o mundo a ser caritativo com toda a natureza animada, não exigindo portanto retribuição alguma para prégar o bem e sermos uteis a todos, tanto amigos como inimigos.

1.º operario. — Então não devemos ir á missa, nem seguir a pratica do que nos ensinaram desde pequenos?

3.º operario. — Quando se chega á idade de poder distinguir o bem do mal, e acharmos consolação n'essas exterioridades, não devemos deixar de as praticar, logo que n'isso não haja prejuizo de terceiro, porque tudo quanto fôr nocivo ao nosso semelhante, deve sempre evitar-se.

1.º operario. — Mas que mal póde advir aos que vão á missa ou á doutrina, sem que n'isso gastem os seus haveres?

3.º operario. — Ora supponha v. que é casado, e que a sua mulher larga a casa e os seus affazeres, para ir a essas ceremonias, deixando tudo ao desamparo, para ouvir conselhos contrarios aos deveres da familia, como se tem visto nas predicas de certos missionarios, que teem endoudecido tantas mulheres pobres de espirito, principalmente nas nossas provincias, aonde a intelligencia feminina está tão embrutecida pelo fanatismo, que ali tem reinado ha tantos seculos, que as mulheres teem abandonado os maridos, as filhas fugido aos paes para seguirem os scelerados que as seduzem, fallando-lhes de uma falsa divindade para melhor conseguirem os seus fins depravados.

1.º operario. — Então quando não se póde ir á igreja, aonde ha de a gente rezar?

3.º operario. — Que maior templo e mais magestoso querem v. v. do que tudo que nos cerca? Olhando para cima, vemos essa immensa aboboda celeste, ornada de preciosas joias scintillando e movendo-se com uma ordem inquebrantavel; olhando para baixo vemos a terra

que tudo nos dá, desde a mimosa planta, até á mais colossal e rija arvore; de todos os lados nos achamos rodeados de maravilhas e de milhares de objectos, que nos lembram a cada passo da munificencia da Divindade. Portanto para nos elevar-mos ao Creador, basta concentrarmos as nossas ideas n'esse sentido, e dirigir-lhe as nossas orações, com aquella fé, que só o verdadeiro afficto ou reconhecido sabe exprimir.

Quando a oração é banal, isto é, quando só se empregam palavras e não as idéas, então é melhor deixarmo-nos d'isso, e rezarmos sómente quando tenhamos necessidade de o fazer.

Agora amigos se querem, vamos outra vez ao cemiterio, que está perto, rezar as seguintes orações sobre a campa do nosso companheiro João.

ORAÇÃO

Pelos espiritos em expiação e provação

Senhor, visto que a oração é necessaria para allivio dos espiritos que soffrem, eu vos supplico que lhes deis a coragem sufficiente, para supportarem as penas indispensaveis ao seu adiantamento moral.

Espiritos superiores, vós que bem apreciáis, quanto custa a subir o primeiro fio da espiral do progresso infinito, ajudai os nossos irmãos,

com o auxilio do Omnipotente, a levarem a sua cruz com animo e paciencia, para que cheguem ao fim da sua carreira, com aquella serenidade tão precisa ao nosso desenvolvimento intellectual.

Fazei-lhes comprehender a necessidade de passarem pelos tormentos que padecem, em consequencia da imperfeição da sua natureza, e do errado uso que fizeram do seu livre arbitrio.

E que a minha humilde voz tenha a felicidade em ser ouvida.

ORAÇÃO

Para pedir animo e conforto em nossas afflicções

Espirito Supremo, eu vos imploro a que me animeis com a força necessaria para encarar valorosamente tudo que fôr preciso ao meu progresso moral, e poder um dia comprehender as vossas obras maravilhosas, e cumprir exactamente os vossos justissimos preceitos.

Espiritos puros e amigos da humanidade afflicta, rogai e velai por mim, para que me não affaste do caminho rigoroso da justiça e caridade.

Conheço que estou muito atrazado e por isso peço protecção e resignação para resistir aos embates da vida material.

Que o Sublime Creador me ouça e attenda ás minhas supplicas, e nada mais precisarei.

ORAÇÃO

Por todos os seres que habitam a terra

Deus do Espaço e do Tempo!

O' Pae dos Ceos estrellados!

Vós cujo Amor e Pensamento governam os mundos! Escutai a minha oração e abençoai todos os meus irmãos da terra.

Eu vos rogo pelo pobre mineiro mettido nas entranhas da terra, que, privado da luz do vosso sol radiante, expõe no meio das trevas, a sua vida ao fogo do gaz explosivo, ao desmoronamento dos rochedos.

Eu vos rogo pelo trabalhador, que alagado em suor, com a enxada na mão, levanta para vós os braços supplicantes.

Eu vos rogo pela mulher, mysterio sagrado, que nos abre os olhos á luz do dia, offerecendo-nos a vida pelo soffrimento, e nos ministra o leite e o amor do seu seio.

Eu vos rogo pelo marinheiro, apresentando a vossos olhos no mais intenso da tempestade e da borrasca, a sua fronte socegada e o seu coração coberto de bronze.

Eu vos rogo pela esposa esperando pelo esposo, pelos filhos abandonados por seus pais, por aquelles que vos estendem as mãos. Deramai em todos ó Senhor, a fé, a coragem e a paz.

Eu vos rogo pelo pobre soldado, victima do orgulho e da ambição, que morre desconhecido

no campo da batalha; por todos os opprimidos dos coroados da terra; por aquelle que chora e por aquelle que brada no deserto.

Eu vos rogo pelo pobre proscripto, que não sabe aonde se ha de abrigar; pelas mãis assistindo aos ultimos momentos de seus filhos moribundos; pelos pobres, pelos pequenos, pelos fracos e pelos que padecem, por todos os nossos irmãos cujas dores devemos partilhar.

Eu vos rogo por todos os seres inferiores da Creação, que gravitam na esphera do instincto, e que soffrem como nós.

Eu vos rogo pelos investigadores intrepididos e corajosos, procurando no meio das trevas espessas que nos rodeiam e matam, os vossos designios impenetraveis, e a razão das cousas. Afastai das fronte gloriosas d'estes martyres do pensamento, o orgulho e a duvida.

Abençoai, ó Pai Extremoso, a queixa do genio insultado, o suspiro do sabio esclarecido demasiado tarde. Espalhai a luz das vossas verdades divinas e o balsamo dos confortos celestes, sobre todos os que trabalham, que soffrem e amam.

Dai a todos ó Senhor, a força, a coragem e a paz, e que tudo aqui seja oração, amor e fé.

APPENDICE

Abaixo transcrevemos as reflexões de um grande astrónomo francez nosso contemporaneo, que pelas bellezas que apresenta, são dignas de serem lidas pelas pessoas sensiveis:

É da presença do Omnipotente sobre a terra que a alma se eleva á idéa do verdadeiro e do sublime!

O ruido longiquo do oceano, a paizagem solitaria, as aguas que sorriem silenciosas, as florestas que suspiram com a brisa que as afaga, as montanhas orgulhosas e vigilantes que olham sobranceiras, são as manifestações sensiveis das forças que velam sobre todas as cousas.

Muitas vezes me abandono á vossa doce contemplação, ó vivos esplendores da natureza, ó mão fecunda, infima expressão do Omnipotente! Sinto que uma poesia ineffavel vos envolve em suas caricias!

Apenas a minha alma se deixa attrahir pela magia das vossas bellezas, ella ouve harmonias desconhecidas escaparem do vosso concerto!

Sombras da noite que fluctuais das vertentes das montanhas, perfumes que desceis dos bosques, flôres inclinadas que cerrais os vossos labios, surdos ruidos do oceano cuja voz se não extingue, socego profundo das noites estrelladas! Vós me tendes fallado de um Deus, que tudo move e tudo anima, com aquella eloquencia mais intima e irresistivel que o mais bem escripto livro humano.

Em vós, ó Espirito Divino, a minha alma tem achado a ternura de uma carinhosa mãe, e a pureza candida da innocencia, e quando ella adormeece em vosso seio, ella desperta na alegria e felicidade. Coloridos esplendidos dos crepusculos! arrebatamentos dos ultimos raios de luz! retiro das solitarias avenidas! Vós guardais para aquelles que vos amam, momentos extasiados de contemplação ineffavel! O lirio se abre e bebe com avidez a luz que desce dos ceos! A alma, n'estes momentos de contemplação, torna-se uma flôr que aspira com ancia o celeste radiar.

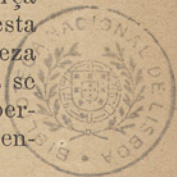
A atmosphaera não é sómente um mixto de gazes; as plantas não são unicamente aggregações de atomos de carbone ou hydrogenio; os perfumes não são só moléculas intangiveis espalhando-se no ar para livrar as flôres do frio; a brisa embalsamada não é sómente uma corrente de ar; as nuvens não são unicamente ve-

siculas de vapor aquoso ; a natureza não é apenas um laboratorio de chimica ou um gabinete de physica : sente-se uma lei soberana de harmonia, de ordem, de belleza, que governa a marcha simultanea de todas as cousas, que cercam os mais pequeninos seres de uma vigilancia instinctiva, que guarda preciosamente o thesouro da vida em toda a sua riqueza, que pelo seu rejuvenescimento eterno ostenta n'uma força immutavel a fecundidade creada. Em toda esta natureza reunida ha uma especie de belleza universal que se respira e com que a alma se identifica, como se esta belleza toda ideal pertencesse unicamente ao dominio da intelligencia.

Estrella percursora da noite ! carro do septentrião ! magnificencias constelladas ! perspectivas mysteriosas do insondavel abysmo ! Que olhos conhecedores das vossas riquezas vos poderiam contemplar com indifferença ? ! Quantos olhares abstractos se perdem no meio dos vossos imaginarios desertos, ó solidões apparentes do espaço ! Quantos pensamentos anciosos teem divagado de uma para outra ilha do vosso offuscador archipelago !

E nas horas de abstracção e posição melancolica, quantas palpebras humidas de emoção se teem baixado sobre olhos que contemplam uma estrella predilecta !

É que a natureza tem doces palavras nos labios, thesouros de amor nos seus olhares, sentimentos de apurada affeição no coração ; é



porque ella não consiste só n'um organismo corporal, porém na vida e na alma.

Aquelle que só tem observado o seu aspecto material só lhe conhece metade do seu valor. A belleza intima das cousas é tão verdadeira e positiva como a sua composição chimica. A harmonia do mundo não é menos digna de attenção que o seu movimento mechanico. A direcção intelligente do universo deve ser verificada pela mesma rasão que a fórmula mathematica das leis. Teimar em observar a creatura só com os olhos do corpo é parar voluntariamente á superficie. Tanta harmonia, tanta ordem, tantas leis inquebrantaveis poderão ser obra do acaso? Ó loucura!

CAMILLE FLAMMIRION.

Nota

As pessoas que quizerem profundar mais esta sciencia sublime, leiam a DOCTRINA UNIVERSAL, que se distribue na Sociedade Espirita em Lisboa na travessa da Victoria 74 2.º nas terças feiras, quintas e sabbados, das 7 horas da tarde ás 10.

